

Juros sobem nos EUA e analistas prevêm nova alta

Nova Iorque — Pela quarta vez consecutiva em quatro meses, a taxa preferencial de juros (**prime rate**) subiu nos Estados Unidos. Ontem pela manhã, o Citibank, em Nova Iorque, e o First Chicago, em Illinois, aumentaram a **prime** de 12,5% para 13%, sendo seguidos ao longo do dia por todos os grandes bancos americanos. O novo aumento deixa a taxa de juros sobre a qual é calculada a dívida dos países do Terceiro Mundo no nível mais alto desde outubro de 1982.

A alta dos juros — sempre que a **prime** sobe, também a Libor (taxa no euromercado), é corrigida e ontem foi a 12,6% — já era esperada há várias semanas pelos economistas e se tornou praticamente certa, na semana passada, quando o Governo dos EUA divulgou os últimos indicadores econômicos. Eles mostraram que a economia americana continua aquecida e com isso encarece o preço do dinheiro. Com a alta da **prime**, a dívida brasileira cresce 350 milhões de dólares. (Nos últimos quatro meses, o aumento na taxa de juros foi de 2%, o que acrescenta 1 bilhão 400 milhões de dólares à conta brasileira de juros junto aos seus credores).

Economistas como Raymond Stone, analista de mercado da Merrill Lynch, previu que ainda haverá vários aumentos das taxas de juros antes do final do ano. Ele chegou a afirmar que acredita que antes do verão (nos EUA) as taxas subirão novamente. Para os países endividados do Terceiro Mundo meio ponto percentual de aumento na **prime** significa uma drenagem de 1 bilhão 750 milhões de dólares de suas economias para as economias desenvolvidas.

Complicador para Argentina

A mais nova alta de juros se dá num momento em que o Ministro da Economia da Argentina, Bernardo Grinspun, está em Nova Iorque para tentar, junto ao comitê de assessoramento dos bancos, encontrar uma forma de pagar 350 milhões de dólares, em juros atrasados, até o dia 30. (Na semana passada, os argentinos pagaram 100 milhões, como um sinal de boa vontade e estão conversando com os bancos para conseguir 125 milhões adicionais, mesmo sem alcançarem um acordo com o FMI, o que é tido como pouco provável.)

Ontem, Bernardo Grinspun e seus assessores deixaram a sede do Citibank às 17h30min e caminharam até o Consulado

argentino. Nada quiseram declarar até o encerramento das negociações com os banqueiros, que previram para hoje. Grinspun estava visivelmente irritado e, assediado pelos jornalistas (todos brasileiros), disse que não daria entrevistas na rua. Um assessor, porém, adiantou que o aumento da **prime** significa um acréscimo de 200 milhões ao serviço da dívida argentina.

A questão é que os bancos não têm muita escolha senão elevar as taxas de juros devido à crescente pressão que sofrem por dois lados. De um, está o déficit federal americano cada vez maior (só em maio foi de 33 bilhões 932 milhões de dólares). De outro, a economia aquecida provocou, somente este ano, um volume de empréstimos para negócios de 38 bilhões de dólares, com um aumento de 20% em relação ao ano passado. Com essa competição, o preço do dinheiro tende a subir: o aumento da **prime**, além de afetar as dívidas dos países em desenvolvimento, atinge também os preços de hipotecas e o crédito direto ao consumidor no mercado americano.

A Bolsa de Nova Iorque reagiu sem grandes sustos às novas taxas de juros e o índice Dow Jones fechou com alta de dois pontos e três oitavos. O dólar também aumentou frente à libra e o marco alemão.

Os bancos mais uma vez disseram que gostariam de ver as taxas caírem e o presidente do Manufacturers Hanover, John Mc Gillicuddy, disse à rede de TV Financial News Network que a dívida latino-americana "está em processo de ser resolvida". O Manufacturers é o banco com mais empréstimos à Argentina, com 1 bilhão 200 milhões de dólares, e já declarou que registrará como prejuízo os juros atrasados, mesmo que a Argentina pague, a 30 de junho, os atrasados.

O presidente do banco (que poderá ter uma perda de até 30 milhões de dólares no trimestre) registrou os "progressos feitos pelo México e Argentina nos últimos dois anos, dizendo que a situação da dívida latino-americana" está hoje melhor que há dois anos". Ele disse acreditar que a Argentina fará um acordo com o FMI, acrescentando que, até agora, os argentinos têm manifestado a disposição de pagar seus compromissos e não repudiar a dívida.

